

FOLHETIM

O COLLAR DE SAFIRAS

POESIA DEDICADA A

S. M. a rainha a senhora D. Maria Pia

**E recitada no Club Lisbonense por ocasião
do beneficio para os inundados**

Era um pobre casebre, os muros em ruinas
a porta—espedaçada, o pavimento—lama,
No teeto que desaba escore o colmo e rama,
que os caibros a ranger mal prendem nas esquinas.
Tristissimo theatro!... Inda é mais triste o drama.

Cravado na parede um rosto de candeia,
que o impeto do vento extingue por instantes,
desenha por ali mil sombras cambiantes
em phantastica dança, apavorando a ideia
com sinistro seismar, visões extravagantes.

Existe gente ali:—N'um canto do casebre
ouve-se o respirar difficil e afflictivo
d'alguem, que só na dôr se conta ainda vivo,
a espaços delirando ao requeimar da febre.
Ao lado um outro vulto immovel, pensativo.

Tem seis annos somente a misera eriança,
que vela pela mãe deitada, agonisante.
Cae-lhe nos hombros nus o pallido semblante
com a expressão da dôr sem raio de esperança.
Ouvio-se de repente um grito penetrante.

Ao som d'aquella voz, ouvindo aquelle grito,
a mãe ficou suspensa, ó santa maravilha!
no umbral da eternidade a ali no peito afficto

sentiu que a morte sim, arranca a mãe á filha,
mas todo o amor de mãe vae n'alma ao infinito.

E a eriança repetia:

«Mãe, minha mã... que ventura!...

(Eram gritos de alegria!)

«Vem rasgando a noite escura

«a estrella que traz o dia!

—«O' minha filha... que dizes?!

Murmura a mãe assustada.

«Dorme, dorme, desgraçada.

«E' o que resta aos infelizes,

«é... dormir... Não sente.n nada.

—«Não, minha mãe, vejo a estrella...

«Verás, verás, que não tarda

«não tarda, espera, vaes vel-a

«e conduzido por ella

«vem o meu anjo da guarda

«Ai! minha mãe!... como brilha

a estrella!... o anjo!... lá vem...

«Olha... não ouves tambem?

«Diz que vaes ter outra filha

«e que eu vou ter outra mãe!...

E a mãe, que a julga em delirio,

abraça a filha querida...

Era o adeus da despedida...

Ultima dôr d' martyrio...

Ultimo alento da vida.

Mas subito desponta um astro ou luz divina

e um jorro d'essa luz, que logo a casa inunda,

Suspende a que s'escva no olhar da moribunda,

que vé dois anjos, um na filha pequenina

a dar-lhe n'um sorrir consolação profunda.

E outro na incarnação d'esse dever snblime

que é, como o sol na esphera, a luz da humanidade

e, como o sol conquista azul á immensidade,
conquista corações onde a má sorte opprime,
como irmão por irmão contra a fatalidade.

O anjo entrando ali, como se fosse um astro,
que assoma ao pôr do sol d'entre uma nuvem d'ouro,
desata em aureo manto o seu cabello loiro,
que róla em turbilhões no collo d'alabastro,
Como a eriança o vira em seu ridente agoiro.

Depois de o desprender das tranças ondulantes,
entrou a desfiar no fio reluzente
d'um soberbo collar de esplendidos diamantes,
que ali semeiou no chão. Passados uns instantes
já tinha fecundado a provida semente.

Ahi tendes o meu quadro.—A resair do fundo
junto ao espectro da morte o espectro da orphandade,
que abraçam filha e mãe no adeus da eternidade.
No fundo par em par as portas do outro mundo
e, dominando o quadro, um anjo—a Caridade.

Transformação agora.—A noite é manhã pura,
oude a miseria fei rojando o manto esqualido
em todo o seu horror, ha lume, ha pão, ha fatura,
succede o riso ao pranto em cada rosto pallido
e ao silencio da dôr—cantares de ventura.

E, em quanto do levante um raio do sol nado
retalha a nuvem negra em esfumadas tiras,
subindo no collar em lucidas espiras,
seintilla baga a baga o pranto consolado,
que a gratipão converte em fio de safiras.

Prendendo assim das mãos da angelical imagem
como espia lançada ao pégo da indigeneia,
effecte-se o collar na etherea transparencia
e é d'estrellas que além na ceestial miragem,
o estende para o anjo a mão da Providencia.

Fernando Caldeira.

